TL 3727

FRENTE REVOLUCIONARIA DE TIMOR-LESTE INDEPENDENTE

(REVOLUTIONARY FRONT FOR AN INDEPENDENT EAST TIMOR)

FRETILIN

do MAPA CAPTURADO EM 17 JUNHO 86, AO BATALHAO 527, NO LOCAL DE UÉ-RUA, PELA COMPANHIA A DA IV UNIDADE.

SITUAÇÃO ECONOMICA DA POPULAÇÃO

1 - VILA DE OSSU

Falando deste assunto, temos a considerar duas situações : uma, antes do levantamento/83 e outra a partir de Agosto/83 em diante.

Concretamente sobre os campos da vila de Ossú, a população tem como base da sua alimentação os géneros da hortas e várzeas lavradas individualmente e com ai-suak. A população ainda recorre aos recursos naturais, devido a infertilidade dos terrenos das zonas de produção e à impossibilidade de adquirir instrumentos de produção, principalmente no que tóca a búfalos.

Antes de Agosto de 1983, porque a situação politico-militar não afectava ainda aquela zona, a população tinha oportunidade de fazer hortas bastante distantes do campo, onde cultivavam milho em duas épocas e tubérculos como mandioca, batata doce "talos" e ainda abóbora e feijão. Nas hortas próximas cultivavam só verduras. Contudo, isto não bastava, porque habitualmente o produto da horta não chegava para o consumo de todo o ano, nem era suficiente para atender às necessidades dentro de um período de 6 meses.

No tocante às varzeas, só a população dos sucos de Uà-Guia, Ossú de Cima, alguns de Uabubu e parte de Osso-Rua é que tinham condições de lavrar, porque têm as suas varzeas dentro dos limites das zonas de produção estabelecida pelos ocupantes. A parte da população dos sucos de Uà-Guia, Ossú de Cima, Uabubu, Osso-Rua e dos restantes sucos que não possuem condições de lavrar varzeas, ofereciam o seu trabalho para os que têm ou para os hansips, em troca do recebimento de uma pequena parte do produto da varzea. Outros, como do suco de Builale e uma parte de Uabubu que estão repovoados ou encurralados em Assa-Lai-Tula e uma parte de Ossú de Cima em Aha-Kiki-Lai, àreas de Lari-Gutu, utilizavam cavalos e ai-suak para lavouras das varzeas. A partir dos sucos de Ossú de Cima, Loi-Huno e todo o suco de Lia-Ruka que estavam nos campos de Baka-Issi e Kai-Kassa-Hú, porque tinham as suas varzeas nestes lados, tiveram que contratar os búfalos da vila. (As populações de Lia-Ruka, Uaibobo e Naha-Reka, incluindo alguma de todos os campos, nunca fizeram varzeas durante o período de 1979 a 1983).

Da parte de Loi-Hunu, Uabubu e uma pequena parte de Osso-Rua, que se encontravam nos campos de Loi-Hunu e Bua-Nurak, faziam varzeas com búfalos e cavalos. Porque existe muita pouca manada - eram 3 (no total cerca de 60 e tal cabeças) - em Loi-Hunu e 3 (três) de Bua-Nurak, estas não podiam responder às necessidades daqueles campos. Apopulação tinha que recorrer a outros da vila de Vikeke que geralmente não se dedicam às varzeas para apoiarem em búfalos, em que o produto seria distribuído igualmente.

Porém o que é certo é que existia sempre fome negra e, para remediar esta fome, viviam dos recursos naturais como por exemplo: kumbili, kuan e frutos comestíveis como kulos e kocos que se encontravam mais afastados dos campos. Dos campos de Baka-issi e Kai-Kassa-Hú recorrem-se sempre a kumbili e kuan. Parte de Ua-Guia, Osso-Rua e Ossú de Cima recorriam aos kulos, cocos e kumbilis. Dos campos de Loi-Hunu e Bua-Nurak recorriam aos mesmos tubérculos, reforçando com sagú, assim como os que não tinham condições de produzir sagú vinham produziz em Bua-Nurak quando eram permitidos.

Nos anos de 1979 a 1981, havia fome em escala maciça, da qual resultou a morte de muitas pessoas em todos os campos daquela vila. Muitas pessoas morreram afectadas de Béri-Béri. A fome era também provocada pelo abandono quase permanente das hortas e varzeas devido ao trabalho gratuito imposto pelos ocupantes, a que denominam de "Gotong Royon". Durante aquele período, a população de Ossú tinha que participar nas operações militares, cumprir as rondas nos postos de Ja'gas, nos campos e ao longo das estradas. Para os velhos e idosos, 30 dias nos postos de "Jagas" e para os válidos e jovens 15 dias (a razão desta diferença é devido ao facto que estes últimos estavam sujeitos a outras mobilizações). No "Gotong Royon" a população ía para "auxiliar" no posto durante 30 dias e além deles havia ainda 1 (uma) semana de trabalho gratuito em casa do "Camat", "Pagwai", "tentaras", etc. O verdadeiro conteúdo do "Gotong Royon" estava na aplicação da população nos trabalhos de construção de palhotas de zincos, estradas e limpezas de sujidades dos indonésios, espalhadas pela vila fora. Estes trabalhos roubavam assim o tempo à população pois já não sobrava para se dedicarem à produção.

A situação piorou após o levantamento de Agosto de 1983. Em primeiro lugar, restrição radical das zonas de produção e, em segundo prevenção rigorosa da circulação. A fome tornou-se um caso grave nos campos de concentração de Ossú, assim como dos uotros campos.

A partir daí, a população passava a produzir ou a cultivar pequenos quintais nos arredores dos seus campos. Portanto, dos campos de Leste e Sul de Ossú que são os sucos de Osso-Rua e Ua-Guia, ainda têm a possibilidade de fazer varzeas para reforçar os tubérculos e verduras das suas hortas. Nos locais de Baka-issi e Kai-Kassa-Hú já se limitam a cultivar nos quintais das suas

casas, nos espaços entre terras caídas por erosão, fazem as varzeas em pequenos viveiros que não davam para se abastecerem por muito tempo. O que lhes restava era recorrerem ao sagú, em Loi-Hunu, no sitio chamado Uai-Lake e Samaliu, enquanto outros só podem fazer permutas com outros bens que possuem como dinheiro, roupas ou outros objectos de valor.

Do campo de Loi-Hunu - é um campo de grandes penedos e rochas - aproveitam pequenos espaços de terrenos entre as pedras para cultivarem mandioca, milho, talos e papaia para depois reforçar ou variar o sagú, para o que passam o dia e a noite a pilar.

Nenhuma varzea se localiza nos arredores daquele campo e, se existe, não passa de uma meia dúzia de metros quadrados dos que podem ter.

Bua-Nurak é um campo que produz muito sagú, de forma que é a base da alimentação das populações do campo. Nas hortas cultivam milho, arroz sequeiro, mandioca e verduras, simplesmente para variar a alimentação. Há muito poucas varzeas e, ainda assim, o produto é distribuído para os donos dos búfalos e cavalos que para ali forem aplicados.

Existem 3 manadas: uma (de 50 e tal búfalos) pertencia a Armindo da Silva, ex-liurai de Osso-Rua, saqueado por Daniel João Baptista (Sekretaris Daerah Tingkat II); outra de 30 e tal búfalos, do polícia Adelino Alves, de Ossú e mais uma de 40 e tal bois também do mesmo policia, mas que lhe foram oferecidos pelo cunhado, de nome Raul, natural de Naha-Reka e agora residente em Uato-Lari, o qual foi buscar o gado no mato. Desta forma o policia e o Daniel, aproveitando esta situção, são os que na prática "lavram" as varzeas de Futudo.

Das manadas de Loi-Hunu - o "camat" Gaspar Guterres tirou 30 e tal bois ao pai de um guerrilheiro; Leki-Saba de Loi-Hunu, também se apoderou de 30 e tal búfalos dos seus donos: Francisco Xavier e Afonso Panão.

2 - VILA DE VIKEKE

Para dizer algo desta vila, devo partir do campo que está localizado a norte, pertencente à população dos sucos de Uai-Mori e de uma parte (a maioria) de Karau Balu, em Beloi. A população de Vikeke normalmente não se dedica às varzeas, de forma que a sua atenção sempre foi mais para as hortas. Assim, no período anterior a Agosto/83 e depois das grandes dificuldades de 79 e 80, a delimitação das zonas de produção ainda era mais ou menos razoável, pelo que a população podia assentar a base alimentar no produto das suas hortas, como o milho, arroz sequeiro, mandioca, abóbora, banana, batata, "uhi" e papaia. Entretanto o sagú sempre sonstitui, como noutras épocas, o reforço necessário não só deste campo como também dos campos de Uae-Boruk e Olo-Bai,

a sul da vila. Nesta faixa está só uma varzea que "pertence" a um "pegawai" (refugiado de Uato-Lari que, aproveitando-se da situação de guerra, se "colocou" em Vikeke.). A sorte da população foi a de o terreno ser fértil e haver sagueiros em abudância nos arredores dos campos.

Dos campos de Krarás, Bikarin e Luka, a população tinha possibilidades de fazer hortas porque o terreno era produtivo, mas esta capacidade foi sempre limitada por constantes mobilisações de homens para participarem em operações militares e para trabalhos impostos pelas autoridades indonésias, não se falando já de estragos enormes por parte dos animais como: macacos, procos, pássaros e ratos, verificados principalmente nas hortas e várzeas nos arredores dos campos acima referidos. A população de Krarás fazia algumas várzeas com enxadas e ai-suak. De Bikarin fazia uma porção de várzeas mas eram de uns senhores da vila. De Luka não faziam várzeas; quem estava ali na altura eram uns senhores da vila com uns bandidos de Kupang que se aproveitaram da situação para fazer a vida em Timor. Foi por isso tudo que a população destes campos não tinha de comer suficiente para o seu consumo. E para remediar esta fome, em todos os campos de Vikike, a população não largava o recurso ao corte de sógu, assim como de outras formas de viver, isto é, da venda de copra, facto verificado em todos os campos, com a exclusão sòmente da maioria da população de Uai-Mori, em Belói, porque não tem coqueiros. Assim, as condições de vida da população a partir de 1980 até 1983 eram fracas mas já não eram tão más.

Após o levantamento de Agosto/83, a situação das massas de Vikeke tornou a ser difícil e mais difíceis as suas condições de vida.

Hortas abandonadas, restrição das zonas de produção dos campos: Belói limitou-se a produzir nas duas margens da estrada de Vikeke a Bua Nurak. E para oeste, sul e leste, as hortas estão em forma de um circulo à roda da vila, com uma distância de 1,5 Km de raio. Nessas hortas cultivam milho e algum arroz de sequeiro, mandioca, "uhi", banana, papaia, batata e verduras.

Referente ao campo de Belói, que é da população de Uai-Mori e uma parte de Karau Balo, as hortas estão localizadas nas àreas de Belói, atingindo pouco antes de Aissae-Luá ligando Sukaer Hun até à estrada. Nas margens da estrada as hortas abrangem até Betissi. A leste da estrada, da população de Karau Balo, as hortas abrangem até pouco antes do lado oeste de Lai Luto, liga assim a Kakana que é da população do campo de Monumento e Olo-Bai. Do sul, as hortas chegam a Kawai e Ratahu ligando Wekaen, da população de Nae Boruk e uma parte de Bé-Obe. Do oeste, vai de Wekaen que liga Classo e Leo Dato ao sopé leste de Boru Luli que é da população de Bé-Obe.

Do campo de Bikarin, a população vive de cocos e sagú, porque não podem fazer grandes hortas nos arredores deste campo, registando-se apenas alguns quintais nas proximidades do campo e que se encontram localizados nos sítios

de Ue-Lako - varzea a norte; a leste as hortas abrangem até pouco antes de Kajularan. Da parte sul vão até Dada Lihun com a mesma distância não além de 1 Km.

Luka - a população deste suco sofreu duas mudanças após Agosto/83: primeiro evacuou para Kajularan em Setembro/83 e em Setembro/84 mudou de novo para o seu antigo local, de forma que este campo sofreu mais fome dentro deste período compreendido de Agosto/83 até esta altura. A zona de produção daquele campo é idêntica a de outros e não vai além de 1 Km, do lado norte as hortas chegam a um sítio de nome Foho-Rua e, da parte sul só vão até We-Dare. Da parte oeste está uma pequena porção de várzea.

A população destes campos todos está manietada com constantes prevenções de circulação, do que resultaram grandes estragos provocados pelos ratos, macacos, porcos e pardais. Portanto, em todos os anos a produtividade não é suficiente para satisfazer as necessidades da população.

A população de Krarás, no campo de Klalerek Mutin, também muito afectada com a cerrada vigilância que os ocupantes lhe moveram, só tem o sogú para cobrir a miséria de podução de milho, mandioca, "talas", "uhi" e abobora que vai tirando dos pequeninos quintais..

O sogú é, praticamente, a base alimentar de toda a população de Vikeke, além de folhas e tubérculos espontâneos a que deitam mão em certas épocas do ano. Bikarin e Luka ainda têm o coco em grande quantidade (das plantações existentes anteriormente).

Relatório do Comando da IV Unidade.

Pel'O Comando

Falur Rate Lack - Comissário Politico

Quartel-General do Conselho Revolucionário da Resistência Nacional, em Timor Leste, aos 20 de Agosto de 1986

A Presidência do CRRN

(XANANA)

Cmdt. Em Chefe das FALINTIL